

DeFato

R\$ 3,00

CIDADES MINERADORAS

Médio Piracicaba • Médio Espinhaço • Centro Leste de Minas | www.defatootonline.com.br

ano
08

edição
81

Março 2021

Entrevista

"A história de Ouro Preto e a liberdade de ser eu mesma."

Claudia Pessoa é graduanda em Turismo e apaixonada por Ouro Preto

04 e 05



Ruby Bridges, 1ª aluna negra em escola para brancos escoltada no primeiro dia de aula, em 1960



Membros femininos dos Hell's Angels, em 1973



Sabiha Gökçen, primeira mulher piloto de caça, em 1937



Gertrude Ederle primeira mulher a atravessar, a nado, o Canal da Mancha, em 1926



Anna Fisher, "a primeira mãe no espaço", de 1980



Mães de soldados britânicos treinadas para Corporação de Serviço de Defesa



Voluntárias em combater a incêndios em Pearl Harbor, 1941 a 1945



Rosa Parks, presa em 1955, no Alabama (EUA), por se recusar a ceder seu assento no ônibus a um passageiro branco

ICÔNICAS

No mês das mulheres, essas que ilustram nossa capa marcaram sua época sendo pioneiras e mudando a história como conhecemos. As que ilustram as matérias dessa edição estão ajudando a construir a história de nossa região.

7053

Foto: Arquivo pessoal



A mulher, a liderança e o jornalismo

Tatiana Linhares é graduada em Jornalismo, pela Universidade Newton Paiva. Com 18 anos de profissão, assume pela primeira vez um cargo de liderança, é editora de jornalismo do portal DeFato

Não se choque ao ler essa verdade: o jornalismo brasileiro é majoritariamente masculino. Sim, leitor, ele é! Basta você se atentar à cadeia que move essa engrenagem: donos de conglomerados de comunicação, editores chefes de redação, âncoras de jornal, repórteres de campo, correspondentes internacionais, cinegrafistas, entrevistadores, redatores... em sua maioria, homens.

Durante muito tempo, o mercado jornalístico foi dominado pelo sexo masculino. Felizmente, o quadro vem se modificando. O mercado jornalístico passou por mudanças significativas nas últimas décadas, tornando a proporção de homens e mulheres muito mais equilibrada nas redações. Porém, segundo o Censo de 2010, 65% dos cargos de poder nas redações ainda são ocupados por homens.

Hoje, eu integro os 35% de mulheres que lideram redações. Uma conquista pessoal e profissional que faço questão de festejar. Um legado que herdei, já que estou sucedendo uma mulher. Uma raridade em nosso meio e em minha carreira. O histórico de redações cheias de homens não é uma novidade. E continua sendo uma

constante. Para uma mulher, que opta por seguir carreira na comunicação, o protagonismo e o respeito profissional são metas, muitas vezes, difíceis de serem alcançadas.

Em minha caminhada profissional, o machismo dominou muitas vezes. Sim, minha opinião foi preterida, minhas ideias desmerecidas, meus textos tripudiados, minhas questões menosprezadas, meu desempenho questionado e minhas sugestões ignoradas. Sim, por eu ser mulher. Ouvi muitas frases como “você não gosta muito de política, né?!” ou “talvez você devesse ler as colunas do fulano antes de escrever sobre futebol” e, ainda, “você vai integrar a bancada, mas não precisa opinar sobre todas as pautas”.

Não é fácil nadar contra uma corrente pré-estabelecida muito antes de mim. Não é fácil bater de frente com um sistema viciado. Ninguém me disse que seria. Mas, é recompensador. Diariamente, toda mulher da comunicação levanta preparada para enfrentar um mundo de críticas para provar seu valor profissional. Comigo não é diferente.

Pessoalmente, descobri que certas batalhas não são vencidas no grito, mas sim na demonstração diária de valor agregado e competência acumulada ao longo dos anos. Quem, a não ser eu, serei capaz de exibir os bons resultados de 18 anos de uma caminhada árdua?

Assim, atualmente, exerço cargo de líder à frente de uma redação formada apenas por homens. Sim, sou a única mulher. E isso só é possível porque outras mulheres vieram antes de mim e desbravaram essa estrada. O que eu sinto, hoje, é que esses homens têm um profundo respeito por mim. Um sentimento correspondido diariamente e refletido na boa atuação que desempenhamos, juntos, enquanto equipe.

Por fim, faço minhas as palavras da escritora e filósofa Djamila Ribeiro, durante uma palestra, na Feira do Livro de Ribeirão Preto, em 2019. “Existe um regime de autorização discursiva que elegeu o homem como sujeito a falar e a ocupar os espaços. Não à toa, eles são a maioria nas redações, são donos de meios de produção, são a maioria do corpo docente nas universidades. Então, é preciso combater essa voz única. As pessoas não se questionam por que tem poucas mulheres em determinados espaços, por que elas ainda reforçam papéis sociais como a mãe que tem que cuidar do filho e não entendem que, quando a gente faz isso, estamos confinando a mulher dentro do espaço privado, dizendo que o espaço público não é para ela. Feministas são todas as pessoas que estão cientes da realidade desigual que vivemos, que entenderam a importância de lutar por uma sociedade mais justa. A gente só está lutando pelo direito a uma existência plena”.

EDITORIAL

Ícônica: algo ou alguém que se destaca ou se distingue em relação aos demais

Em 1857, no dia 8 de março, as operárias de uma fábrica de tecidos de Nova Iorque fizeram uma grande greve. Elas ocuparam a fábrica para reivindicar melhores condições de trabalho. O que elas exigiam era: redução na carga diária de trabalho de 16 para 10 horas diárias; igualdade salarial com os homens, já que recebiam apenas um terço do salário deles; e tratamento digno no ambiente de trabalho. A manifestação foi reprimida com uma violência desumana: trancaram as mulheres dentro da fábrica e incendiaram o prédio. Ao todo, 130 tecelãs morreram carbonizadas.

Assim, depois de muitas décadas, em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) decretou 8 de março como o Dia Internacional das Mulheres. Essa não foi uma decisão comemorativa. Foi uma decisão política. A data não marca uma homenagem, marca os anos de luta feminina contra o preconceito e a desvalorização da mulher.

Nessa edição, o Jornal DeFato Cidades Mineradoras traz em sua capa o registro de mulheres que se tornaram ícones nessa luta, por seu pioneirismo e resistência. Elas marcaram a história do mundo e são lembradas por sua persistência,

força e enorme capacidade de superação. Elas estão na capa porque não se pode esquecer das que vieram antes e lutaram para que todas as outras pudessem escolher seus próprios destinos.

Dentro do jornal, apresentamos mulheres que são resistência e luta hoje. Mulheres que souberam se reinventar, que representam outras mulheres, que ocupam espaços que antes lhes eram fechados. Mulheres que, ao seu modo e dentro de seu alcance, seguem abrindo o caminho para aquelas que ainda virão. Para que elas possam crescer e viver livres, com direitos, igualdade e respeito.

“Essa não é uma decisão comemorativa. A data não marca uma homenagem, marca os anos de luta feminina contra o preconceito e a desvalorização da mulher.”

EXPEDIENTE

DeFato

Gerente Comercial
Marcelo Eleto
marcelo@defatoonline.com.br

Editores de Jornalismo
Fernando Silva
Tatiana Linhares

Redação
Bruno Andrade
Gustavo Linhares
Luciano Vidal
Victor Eduardo
Wesley Rodrigues

Fotos de Capa
Destaque: Destaque: <https://www.hypeness.com.br/2015/12/fotos-retratam-mulheres-poderosas-que-mudaram-a-historia-para-sempre/>
Entrevista: Arquivo Pessoal

Gerente de Produção
Marina Colombo
opec@defatoonline.com.br

Diagramação
Ponte Propaganda
gerencia@pontepropaganda.com.br

Assistente Financeiro
Cleise Martins
financeiro@defatoonline.com.br

Em tempos de quarentena, o ativismo pela mulher ganha a internet

Desigualdade e violência contra mulher precisam ser debatidas imediatamente — e não podem esperar a quarentena

Foto: Arquivo pessoal

O distanciamento social é uma das principais armas contra a pandemia de Covid-19. Porém, também evidencia problemas históricos da desigualdade de gênero. Para muitas mulheres, o isolamento significa combater o vírus e sobreviver à violência doméstica — ao mesmo tempo. Diante desse cenário, o ativismo feminino se faz ainda mais importante e, em Itabira, o coletivo Mulheres na Praça tem recorrido à internet para isso.

“Em 2020, nos atentamos para o aumento da violência doméstica. Com restrições de contato e distanciamento social, muitas mulheres ficam em casa com seu agressor. Lançamos uma campanha alertando

sobre os tipos de violência e a rede de apoio com a qual as vítimas podem contar”, conta Joice Maia, pedagoga, professora e ativista social.

O coletivo Mulheres na Praça busca, justamente, estimular debates sobre esses temas na comunidade itabirana. “O coletivo levanta debates muito pertinentes à nossa realidade, enquanto sociedade. A troca e as ideias que conseguimos construir em conjunto com outras mulheres são valiosas”, afirma Joice Maia.

Para manter a voz ativa durante a pandemia, o coletivo vem recorrendo a internet para desenvolver ações, criar campanhas de conscientização e levar conhecimento a

outras pessoas. Em suas mídias sociais, o grupo já promoveu lives sobre racismo e a mulher negra, bate-papo com a deputada estadual Andréia de Jesus (PSOL), dentre outros. Elas também compartilham vídeos, cards e outras postagens sobre feminismo e a luta das mulheres.

A pandemia do coronavírus segue avançando e, mesmo com a crise sanitária, as Mulheres na Praça seguirão dando voz às pautas femininas. Um dos objetivos, agora, é “pensar ações que atinjam as mulheres periféricas que perderam seus empregos e muitas vezes são a base econômica de suas famílias”, destaca Joice Maia.



Atentas às regras sanitárias, coletivo desenvolve ações em prol das mulheres

Saiba mais

O coletivo Mulheres na Praça surgiu da necessidade de ocupar as praças da cidade e transformá-las em espaços para compartilhar artes e debater demandas coletivas — sobretudo em ques-

tões como a desigualdade de gênero em Itabira.

Quer saber mais sobre o coletivo Mulheres na Praça? Então acesse as redes sociais do grupo: www.facebook.com/mulheresitabira e www.instagram.com/mulheresnpraca.



AGÊNCIA LIFE



Acabaram os motivos para você sair de frente da **TV** e ficar longe da **internet!**

TV: Plano SMART
por **R\$ 90,00***
*no combo

Internet: 150MB
por **R\$ 89,90***
*no combo

LIGUE GRÁTIS
106 38
www.valenet.com.br

Assine agora e tenha cashback na sua mensalidade!

*Consulte condições. Mediante viabilidade técnica e fatura online.

“A história de Ouro Preto e a liberdade de ser eu mesma, mexeram comigo”, diz Claudia Pessoa

Mulher, mãe e dona de uma trajetória singular, Claudia Pessoa conta sobre os padrões e tabus que quebrou ao longo de sua trajetória

Foto: Arquivo pessoal

Claudia Pessoa, 54 anos, é uma ex-estudante de geologia e jornalismo que, hoje, se dedica à graduação em Turismo. Dona de uma jornada marcante, ela carrega em sua bagagem inúmeras experiências profissionais que a fazem singular. Comunicadora, produtora e diretora são algumas das especializações que figuram em seu currículo ao lado de uma mulher e mãe camaleoa. Ao longo dos anos, sempre buscou se reinventar. Apaixonada por Ouro Preto, nessa entrevista, Claudia fala sobre o papel crucial da cidade histórica em sua vida, aborda vivências e também pondera seu lado maternal.

Você tem uma ligação muito forte com a cidade de Ouro Preto. Quando começou esse amor? Vem da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)?

Quando eu ainda vivia em Uberaba, minha cidade natal, sempre escutava as pessoas que frequentavam Ouro Preto ou que moravam lá, falarem sobre os eventos, as várias histórias da cidade. Mas, eu não conhecia “A” história da cidade. Ao final do terceiro ano eu tive a oportunidade de conhecer a cidade e fiquei encantada. Ouro Preto era muito diferente de Uberaba em inúmeros sentidos. Clima, ambiente, horizonte. Contudo, existem dois pontos que realmente me fisgaram: a história da cidade, que realmente mexeu comigo; e essa minha liberdade em poder ser eu mesma. Em Uberaba eu era a Claudia filha dos meus pais. E quando eu vim pra cá, eu me tornei Claudia Pessoa. Tanto que quando saí da república onde morava, fui acolhida pela cidade e construí uma história aqui.

Falando em república, você foi a primeira mulher da história de Ouro Preto a morar em uma residência estudantil predominantemente masculina, certo? Como foi isso, foi complicado se adaptar a isso?

Quando as pessoas descobrem que eu morei em uma república masculina, pensam que eu tive que me adaptar àquilo, mas na verdade foi o contrário. Eu não me adaptei ao que era tido como “normal”. Sou a caçula de três irmãos homens, muito machistas, e cresci no meio desse ambiente, dessa realidade. E, assim que eu chego na adolescência, percebo que a maioria das pessoas a minha volta eram do sexo masculino. Eu tinha muito poucas amigas. Então, eu não tive que me ajustar às repúblicas masculinas, na verdade eu não me encaixei nas femininas. Eu me identifiquei de cara com o curso de Geologia que na época, inclusive, era predominantemente masculino. Mas, quando me indicaram lugares para morar, que obviamente foram casas femininas, eu não consegui me reconhecer naquele ambiente. Eu acabei tendo vários problemas. As interações não me agradavam, os assuntos não combinavam comigo. Foi então que veio a necessidade de eu batalhar por uma vaga em uma residência destinada aos homens.

E como foi a sua aceitação?

Eu sempre andei com muitos homens, mas em geral todos sempre quebravam padrões e eram considerados rebeldes. Então, quando eu cheguei em Ouro Preto, foi um processo natural essa quebra de padrões. A casa onde eu estava hospedada acabou me aceitando como moradora. Até porque eu não me incomodava com o jeito deles,



Cláudia Pessoa admirando a paisagem ouropretana, em frente ao Hotel do Rosário

com a forma deles viverem a vida, pois eu me identificava muito com o lugar de onde eu vim. Foi um ato de rebeldia, em 1983, em plena ditadura, mas no final deu tudo certo. Inclusive a própria república nasceu de uma rebeldia.

Conte-nos um pouco mais sobre essa rebeldia da república. Aliás, em qual residência estudantil você morava?

Eu fui acolhida pela república “Aquarius”. E eu digo “rebeldia”, porque ela nasce da junção de pessoas que foram expulsas de outras repúblicas por quebrarem padrões e irem contra o sistema. Estamos falando da virada da década 70

para 80, vivíamos uma ditadura militar. Inicialmente, a Aquarius se chamaria Argélia, fazendo referência ao país para onde as pessoas eram exiladas durante aquele período ditatorial. Toda residência estudantil nasce como uma história e o nome diz muito sobre a casa. Não é só para ser “engraçadinho”. Então Argélia combinava muito. Mas, preferimos nos poupar e optamos pelo nome atual, como menção a “Era de Aquarius”.

A sua relação com Ouro Preto tem três partes muito importantes: o antes, quando você se encanta com a cidade; o período estudantil, onde

você vive aquilo que idealizou; e o momento mãe. Conte-nos um pouco desse amor que você nutre por Ouro Preto e que foi passado ao seu filho.

Eu diria que é uma evolução normal das pessoas. Tudo que fiz, as minhas adaptações, rebeldias, não poderiam ser em vão. Acho que minhas ações pediam que eu fosse um exemplo para alguém. Inconscientemente, percebi que ao longo da minha vida tudo o que fiz foi buscando passar minhas experiências para alguém. Para quem? Meu filho! Cheguei em um momento em que todas as minhas decisões foram tomadas em prol do Pedro. Minha saída de Ouro

Preto para morar na Europa foi por causa dele, pois eu senti que precisava dar mais atenção para o meu filho. Lembro uma vez, ele tinha sete anos de idade, adoeceu e queria que a babá o acompanhasse até o hospital. Foi um choque. Percebi que precisava me dedicar mais a ele. Assim como o meu retorno ao Brasil também foi pelo bem dele, já que naquele ano (2009) estavam acontecendo vários casos de xenofobia na Itália e eu não queria que ele passasse por isso.

Quando vocês voltaram da Europa, o Pedro se adaptou bem à cidade de Ouro Preto?

O nosso percurso foi muito parecido. Quando ele entrou para a faculdade, assim como eu, foi morar na Aquarius. Porém, ele acabou não se adaptando, pois teria uma responsabilidade muito grande de

seguir o legado que eu deixei. Entretanto, somos seres diferentes. Ele foi para outra república e, nesse momento, começou a criar a realidade dele. O legado dele. Então, o jogo inverteu. Ele deixou de ser filho da Claudia e eu me tornei mãe do Pedro.

E como é ser a mãe do Pedro? A maternidade te fez enxergar novas possibilidades?

Eu acho ótimo! Me encanta muito ver ele conquistando o espaço dele. Mas, devo dizer que quando o meu filho entrou para faculdade e deixou de ser o elemento central de todas as minhas decisões, me perguntei: “Quem sou eu?”. Percebi, ali, que devia me reinventar e escolhi o curso de jornalismo. Tinha muitas expectativas, já tinha afinidade com o audiovisual e gostava dessa ideia da multi-



Cláudia Pessoa em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto

plicidade do curso. Mas, acabei me decepcionando e não terminei. Ainda buscando me reinventar. Resolvi me entregar ao curso de turismo. Eu já estava trabalhando com

isso quando tomei essa decisão, então foi um processo natural. Eu acabei me reconhecendo em algo que sempre fez parte de mim. Eu me apaixonei por Ouro Preto pela

história; eu morei 9 anos na Europa; eu percebi que havia encontrado uma área onde conseguia viver bem em todos os sentidos. Mas, sigo me reinventando.



A violência doméstica e os desafios do isolamento

Juíza de Direito indica a possibilidade de a pandemia ter ocultado os casos de violência. Os números de ações judiciais caíram no período

Foto: Arquivo DeFato

Há um ano, Itabira adotava as primeiras tentativas de restrições e isolamento social para conter o coronavírus. De lá para cá, muitas mulheres passaram a ficar 24 horas por dia em casa, e, frequentemente, com seus agressores. O cenário preocupa e prenuncia um novo panorama de violência doméstica e familiar contra a mulher na região.

Entre março de 2020 e fevereiro de 2021, 237 medidas protetivas foram concedidas pela Justiça da Comarca de Itabira. No período anterior, entre março de 2019 e fevereiro de 2020, 233 ações do tipo foram deferidas. Essas medidas tratam-se de ordens judiciais que proíbem algumas condutas por parte da pessoa que cometeu a violência, e/ou que protegem a mulher, com o objetivo de interromper, diminuir ou evitar que se agrave a situação.

Outros dados devem ser observados até aqui. Entre março de 2020 e fevereiro de 2021, 96 prisões em flagrante por crimes de violência doméstica ocorreram na comarca; além disso, 887 novos procedimentos de violência doméstica foram distribuídos pelo Poder Judiciário nesse espaço de tempo.

Os últimos números citados caíram, consideravelmente, na comparação com o período anterior (março/2019 a fev/2020), quando foram realizadas 155 prisões em flagrante e a distribuição de 1.259 procedimentos na seção de Itabira.

“Os dados indicam uma redução do número de prisões e de novos procedimentos, embora mantida a média de medidas protetivas concedidas. Acreditamos que a pandemia tenha dificultado o acesso das vítimas às redes de proteção. Com contato reduzido - trabalho, familiares e até a escola dos filhos - as mulheres têm mais dificuldades de pedir ajuda para saírem do ciclo de violência”.

A fala é da juíza Cibele Mourão Barroso de Figueiredo Oliveira, titular da 2ª Vara Criminal de Itabira. Desde 2015, quando

ela chegou à comarca, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) assumiu protagonismo local na luta em favor das mulheres.

“O maior desafio é a conscientização”

A violência doméstica e familiar é a principal causa de feminicídio. É a violência que mata, agride ou lesa a mulher. A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) define cinco formas dessa prática. São elas: a violência física; a violência psicológica; a violência sexual; a violência patrimonial (ações que envolvam a retirada de dinheiro conquistado pela mulher ou qualquer patrimônio que ela tenha construído); e a violência moral (que desonra a mulher diante da sociedade com mentiras ou ofensas).

Um desafio para estabelecer ações efetivas contra os episódios de violência - que podem estar mais escondidos no período pandêmico - ainda é a denúncia. Cibele Mourão defende a conscientização de mulheres e homens e também da sociedade que está em volta de que a violência, sob tantas formas, não pode ser banalizada.

“O maior desafio é a conscientização, de homens e de mulheres, sobre o relacionamento abusivo, sobre a possibilidade de desconstituirmos o machismo e o patriarcado. Precisamos ajudar esses homens e mulheres - e as crianças - a entenderem que o diálogo violento não é normal, que o ciúme não é normal, que a mulher não é posse do marido ou namorado. Precisamos ensiná-los que há vários tipos de violência. Que empurrar é violência, vigiar é violência, proibir atitudes é violência”, defende a magistrada.

Na opinião da operadora do Direito, as mulheres vencerão o medo de denunciar “na medida em que a sociedade acolher, compreendendo sua situação de vulnerabilidade e, ainda, quando se sentir amparada por toda a rede disponível no município”.



Juíza Cibele Mourão Barroso de Figueiredo Oliveira, titular da 2ª Vara Criminal de Itabira

Rede de atenção

Itabira dispõe de uma rede de atenção que pode acolher a mulher em situação de violência, com serviços que conversam entre si. Em 2020, a Prefeitura de Itabira colocou em operação o Centro de Referência Especializado de Atendimento à Mulher (Cream), seção ligada à Secretaria Municipal de Assistência Social (3839-2216).

Desde 2013, existe na cidade a Comissão Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual e Doméstica, criada por meio Lei Municipal 4.641.

O Poder Judiciário está à frente do Itabira Por Eles. O projeto é executado na sede do Fórum, onde profissionais de Psicologia e Serviço Social realizam atendimentos e encaminhamentos de agressores. A Polícia Militar, por sua vez, tem instituída a Patrulha de Prevenção da Violência Doméstica (telefone 190).

O atual governo municipal renovou, para mais, o contrato com o Consórcio Regional da Promoção da Cidadania Mulheres das Gerais. A formalização permite que o município continue contando com o apoio da Casa Sempre Viva, um espaço para acolhimento temporário de mulheres e seus filhos que se encontram em situação de violência de gênero com risco iminente de morte.



A luta de Rose Félix pelos direitos das mulheres na Câmara de Vereadores de Itabira

Única mulher eleita vereadora propôs uma comissão permanente específica para defender as questões femininas e dividiu opiniões

Foto: Reprodução/Instagram

Há algumas semanas a Câmara de Itabira se tornou palco de discussões sobre a criação da Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres. A proposta vem de Rose Félix (MDB), a única mulher eleita entre os 17 vereadores, em um espaço onde não existe, até hoje, um grupo de trabalho específico que trate das questões de gênero.

A vereadora conseguiu aprovar o projeto em primeiro turno, por unanimidade, na reunião de terça-feira (16). Um a um, os vereadores parabenizaram Rose pelo posicionamento e pela bandeira defendida. “Eu acredito que atraio para mim um grande desafio, já intencionado: o de trazer mais mulheres eleitas para a Câmara de Itabira. Que outras vozes sejam ouvidas”, defendeu Rose Félix.

Emenda

Porém, o caminho até a aprovação teve os seus percalços. Rose Félix acredita que a comissão seja o primeiro passo é uma iniciativa de reparação, sobretudo pelo histórico do órgão público, onde episódios de assédio e importunação sexual foram noticiados nos últimos dois anos.

Ainda assim, a proposta dela dividiu opiniões. O vereador progressista Júlio “do Combem” é o primeiro signatário de uma emenda apresentada para alterar o projeto da vereadora. A emenda chegou a sugerir que a pauta dos direitos das mulheres fosse atribuída à Comissão de Assistência Social, Direitos Humanos e Segurança Pública, que teria acrescentado em seu nome o termo “Mulheres e Minorias”. Também assinaram a emenda os vereadores Carlos Henrique de Oliveira (PDT) e o vice-líder de governo Bernardo de Souza Rosa (Avante).

Ocorre que, para além da emenda modificativa, a Comissão de Assistência Social é 100% formada por homens, desde os titulares aos suplentes. Rose não só discordou da emenda, como deixou claro a necessidade de tratar a mulher de forma independente. Política para as mulheres não pode ser vista como forma de assistencialismo. Temos que retirar a discussão das mulheres do campo da vulnerabilidade e levá-la para o campo do empoderamento”.

O desafio de Rose Félix foi obter apoios entre os pares para progredir no debate público em torno das questões femininas. Assim, um acordo nos bastidores definiu a exclusão da emenda por parte dos vereadores requisitantes. Mesmo assim, Júlio do Combem lamentou a repercussão social da emenda. Ele relatou ter recebido ligações e mensagens criticando a iniciativa. “É muito feio espalhar a notícia por todas as redes sociais de que nós estamos contra a Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres. Não existe isso”.

Carlos Henrique também se defendeu. “Nós pactuamos com a verdade. Somos, sim, favoráveis às mulheres. Entendemos, em outro momento, que poderíamos somar a discussão a uma comissão já existente”. Bernardo Rosa acompanhou os colegas. Ao mencionar ser pai de uma menina, expressou o desejo de que ela encontre um mundo melhor e mais justo. Desde já colocou seu nome para integrar a nova comissão”, manifestou.

Mobilização

As reclamações dos vereadores tem base no amplo apoio que Rose Félix vem recebendo na internet. Publicações em favor da vereadora vieram da ex-vice-prefeita Dalma Barcelos, da ex-vereadora e servidora da Câmara, Marcela Cristina, entre outras mulheres e influenciadoras digitais. O coletivo Mulheres na Praça publicou nota no Instagram, manifestando base à iniciativa.

“Após a presente casa legislativa estampar diversas denúncias de violências contra as mulheres no município nos últimos anos, é imprescindível que esta se posicione a favor dos direitos das mulheres e demonstre, a partir da aprovação do projeto, o respeito e o compromisso que possui com as nossas vidas e nossas vozes.



Rose Félix (MDB), única mulher a ocupar, atualmente, o cargo de vereadora

NOVO DECRETO
Itabira prorroga a Onda Roxa do programa Minas Consciente

As medidas mais restritivas são válidas até o dia 31 de março e têm o objetivo de reverter o momento de emergência no município: todos os leitos de UTI estão ocupados e o índice de transmissão continua alto. **Só conseguiremos virar o jogo se cada cidadão fizer a sua parte!**

Acompanhe as redes sociais da Câmara Municipal de Itabira para saber mais.

 **CÂMARA DE ITABIRA**
Não deixe sua cidade
 @camaradeitabira
 camaramunicipaldeitabira

Entre a força e o medo: relato emocionante das mulheres que encaram a Covid-19 de frente

Trabalhando num dos hospitais de Itabira, em contato direto com os infectados por coronavírus, elas falam de suas angústias e esperanças

Desde março de 2020, quando Itabira registrou o primeiro caso de Covid-19, os hospitais locais começaram a se preparar. Diante de situações alarmantes nos países europeus, os brasileiros se apavoraram. Mas, a pandemia não atingiu rapidamente o mesmo patamar visto em outras nações. Assim, as pessoas relaxaram, os protocolos de segurança foram sendo deixados de lado e as medidas de prevenção se tornaram menos rígidas.

O que se viu foram campanhas políticas com caminhadas repletas de aglomerações, viagens de fim de ano para cidades do litoral capixaba e carioca, bares cheios, filas quilométricas em bancos, feriados prolongados de feriado com direito a escapadinha e festas clandestinas. Havia uma falsa sensação de segurança. Uma certeza de que o pior já tinha passado e os itabiranos tinham dominado o coronavírus. Um engano fatal.

Assim, um ano depois de anunciada a pandemia, Itabira começou a ver uma rápida subida no número de infectados e um aumento desproporcional na quantidade de pessoas mortas pela Covid-19. Para quem ainda duvidava, veio uma notícia aterradora: colapso do sistema de saúde. Unidades de Terapia Intensiva (UTI's) e enfermarias lotadas, filas de espera em busca de leitos, profissionais esgotados.

O Jornal DeFato Cidades Mineradoras foi em busca das pessoas que, desde 2020, não tem medido esforços para amenizar o impacto da doença. Conversamos com quatro mulheres que atuam na linha de frente do combate ao coronavírus no Hospital Nossa Senhora das Dores (HNSD). Em relatos emocionantes, elas contam um pouco de suas angústias, medos diários, vocação na ajuda aos pacientes e de onde tiram esperança e forças para seguir lutando.



VACINAÇÃO

É hora de *se proteger*

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

Unimed

Itabira

Marta Aparecida da Silva,
41 anos, auxiliar de serviços gerais

“Há sete anos estou no Hospital Nossa Senhora das Dores. Passei por diversos setores da limpeza e, agora, estou trabalhando no Pronto Atendimento comum e do Covid. E minha sensação, desde o ano passado, é de medo. Tenho muito medo de trabalhar aqui. Minha vontade, até hoje, é de não querer mais vir trabalhar. Mas, tem que colocar Deus na frente e vir. Eu tiro força Dele! Mas, isso não me impediu de ver coisas assustadoras, como a morte de uma paciente. Eu estava limpando perto do leito dela e ela morreu. Fiquei apavorada! Pensei na minha família, nos meus amigos, na família dela que estava perdendo um ente querido.

Todos os dias, eu tento passar minhas forças para outras pessoas. Tem meninas da limpeza que morrem de medo de entrar nos quartos das pessoas contaminadas. Eu também tenho, mas acalmo elas, faço companhia, ajudo a realizar o serviço. Com certeza ter apoio faz com que a rotina seja mais fácil. Eu gostaria de dizer para as pessoas que a gente tem que ter muita fé em Deus, cuidar da saúde, ficar dentro de casa, cuidar dos pais da gente, ter mais paciência. Nunca imaginei que eu ia viver isso. Antes da pandemia, o hospital sempre foi um lugar tranquilo para trabalhar. Mas, tá difícil vir porque eu sinto medo pela minha mãe. Eu não ligo de adoecer, mas eu fico com medo por ela. De todo jeito, tenho fé que tudo vai melhorar!”



Foto: DeFato

Ingridy Pessoa,
25 anos, psicóloga clínica

“Estou no Hospital Nossa Senhora das Dores há cinco meses. Não é fácil, mas a psicologia dentro de mim disse para eu aceitar essa missão. É uma maneira de levar um atendimento humanizado para essas pessoas que estão sofrendo. Essa é uma missão linda: atender esses pacientes, dar acolhimento quando eles mais precisam. Nunca me imaginei dentro de um ambiente hospitalar tratando pacientes Covid, mas nasceu em mim uma grande paixão. Hoje, atendo cerca de 20 pacientes com problemas psicológicos devido ao diagnóstico positivo para Covid-19. Tento amenizar o sofrimento de quem não entende o que está acontecendo, de quem não consegue lidar com a doença e começa a ter esse medo da morte. Não é apenas o paciente diagnosticado, atualmente, eu auxilio a família inteira.

O que eu percebo, é que as maiores angústias deles são o medo de não mais estar vivo e o sentimento de culpa de ter passado a doença para outra pessoa. São as duas coisas ao mesmo tempo! Fico muito triste em ver que as pessoas ainda acham que a Covid é só uma gripezinha. Eu sei que está muito difícil, mas o hospital não tem mais como suportar tanta gente. As vagas acabaram. Meu maior medo é ver as pessoas morrendo... a gente precisa muito que a população nos ajude”.



Foto: DeFato

AUTO PEÇAS
CENTRO AUTOMOTIVO

Ponto Certo
SEU LUGAR É AQUI

PNEUS

BATERIAS

TROCA DE ÓLEO

MÃO DE OBRA QUALIFICADA

TROCA DE PARA-BRISA

PEÇAS MULTIMARCAS

JOÃO MONLEVADÉ - (31) 3851-7180
AV. ARMANDO FAJARDO, 3875
CRUZEIRO CELESTE

ITABIRA - (31) 3839-7979
AV. VER. OSÓRIO SAMPAIO, 228
VILA SANTA ROSA

ASPROITA
PROTEÇÃO VEICULAR

Fazemos adesão
à distância!

Itabira 31 3831-8855
João Monlevade 31 3852-2898
Divinópolis 37 3213-6960
asproita.org

**Glícia Silva Freitas Batista,
30 anos, enfermeira coordenadora do Pronto Atendimento**

Foto: DeFato

“Estou aqui há quase seis anos e sempre fui muito feliz trabalhando no Hospital Nossa Senhora das Dores. Eu sempre quis cuidar de pessoas e continua sendo meu desejo. Como coordenadora, eu trabalhava liderando as equipes. Hoje, dada a gravidade do colapso do sistema, estou diariamente dando assistência aos pacientes, voltei a atuar no contato direto com eles. É desesperador, mas a gente continua ali firme e forte. Isso porque o esgotamento físico, a gente compensa da forma que consegue, você bate o ponto e vai para casa descansar. O problema é o esgotamento psicológico. Esse esgotamento vai embora com você para casa. Você não tira o paciente da cabeça porque esse cuidado com ele se estende e fica em nós.

A roda não pára de girar e ainda assim dá tempo de sentir medo. E temos medo pelo paciente, por nós, por nossa família que está nos esperando. A gente é a esposa ou o marido de alguém; a mãe de alguém; o filho de alguém. O medo está na nossa cara! Esse medo está constantemente impregnado em todos nós. O lado enfermeira diz o tempo todo que estamos aqui, lutando enquanto existir vida. Mas o lado pessoal vai falar: acorda, gente! Tem pessoas morrendo! Está todo mundo exausto! Se preservem, se cuidem! A gente não sabe quando e nem a proporção do estrago que vai ser isso tudo. Mas, por enquanto, tem que entender que não é só por você, é por todos... são vidas humanas... e depois que uma vida acaba, nada repõe”.



**Rosiane do Carmo das Mercês,
41 anos, costureira**

Foto: DeFato

“Estou aqui há 12 anos, na lavanderia. Já tive várias funções, mas hoje trabalho como costureira. Nunca imaginei passar por isso que está acontecendo agora. Quando chegou pra gente, a notícia da pandemia, eu tive muito medo. Num primeiro momento era aquele pavor do desconhecido. Agora, é a certeza de que realmente está morrendo gente perto de nós. Quem quiser ver, é só ir ali no pronto socorro. Acho que, se todo mundo tivesse o medo e o cuidado, creio que não estava aumentando tanto os números. E nem levando muitas vidas embora. Na lavanderia, por exemplo, estamos com sete pessoas afastadas, por Covid-19. A gente, às vezes, está convivendo com a pessoa hoje, e amanhã ela está afastada porque testou positivo. Eu acho, que até agora, só Deus nos salvou.

Até hoje, eu nunca testei positivo. Mas, também, eu tenho os meus cuidados: lavo a mão toda hora, passo álcool e nunca dispenso a minha máscara. Tenho muito medo de adoecer. Mas, lá no fundinho tenho mais esperança. O problema é que está difícil ter essa esperança, principalmente por causa do povo. Eles não estão levando a sério a situação, as pessoas saem de casa à toa, ficam tudo grudadinho no ponto de ônibus, ninguém usando a máscara direito. Enquanto isso, todo mundo aqui já está exausto. Em todos os lugares do hospital a demanda está pesada. Todos os dias, para conseguir vir trabalhar, a gente pensa nos pacientes que precisam de nós. A gente faz de tudo por eles. Eu acho impossível pensar em exercer minha profissão e largar as outras pessoas sem ajuda. Não dá para ser egoísta. A gente tem que se colocar no lugar do outro e não pode deixar a peteca cair!



DIA MUNDIAL DA ÁGUA

A Anglo American está comprometida com a preservação do meio ambiente, sobretudo com a água e suas nascentes. Por isso, desenvolvemos uma série de ações, junto às comunidades onde operamos, com o objetivo de contribuir com a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento local.



Conheça algumas de nossas iniciativas:

- Atuação junto ao Instituto Espinhaço e instituições parceiras para recuperação de Áreas de Preservação Permanente (APP) e nascentes na cabeceira do Rio Santo Antônio.
- Cercamento de 18 mil metros lineares e recuperação de mais de 20 hectares de nascentes e APP's de curso d'água.
- Apoio na estruturação de viveiros de mudas para a Associação de Produtores Rurais da Tapera, ajudando em ações de conservação na região da cabeceira do Rio Santo Antônio.
- Treinamentos, orientações e ações de conscientização para os empregados da Anglo American e comunidades próximas às áreas em que operamos.
- Investimento de R\$ 2 milhões em ações de recuperação e preservação de nascentes e cursos d'água.

É assim que estamos reimaginando a mineração para melhorar a vida das pessoas.



Mineração e pessoas que fazem a diferença.

Maquiagem artística: mulheres que tem conquistado seu espaço no mercado mineiro

Uma nova-erense e uma cocaense se tornaram referência no ramo artístico

Fotos: Arquivos pessoais

Antigamente, com a chegada das festividades de Halloween, a maquiagem artística ficava em voga. Muito popular na cultura norte-americana, esse tipo de arte se espalhou pelo mundo, ganhou adeptos e construiu um mercado inteiro em torno de si. Assim, com a popularidade garantida, a maquiagem artística começou a ganhar adeptos.

Na região do Médio Piracicaba, duas maquiadoras passaram a investir na área artística e a se destacar. É o caso de Maiara Dioli. Natural de Nova Era, ela começou a carreira quando se mudou para Belo Horizonte, em 2017. Agora, aos 32 anos, Maiara conta que seu interesse vem do Carnaval. “Com a cultura dos bloquinhos por aqui, comecei

a me arriscar nas maquiagens artísticas e acessórios para os personagens! E foi questão de tempo para me apaixonar pelo Halloween também”.

Segundo ela, assim que decidiu investir na profissão, a criação do seu perfil no Instagram foi um dos primeiros passos. Autodidata, Mariana evoluindo e investindo em processos como: seleção da maquiagem; etapas de execução; tempo de produção; uso de próteses; e montagens de acessórios e figurinos.

Para a Isabella Nunes de Moraes, profissional há quatro anos, a maquiagem era um hobby. Natural de Barão de Cocais, ela usa seu perfil no Instagram como ferramenta. “É um canal que me comunica com meus seguidores e os po-



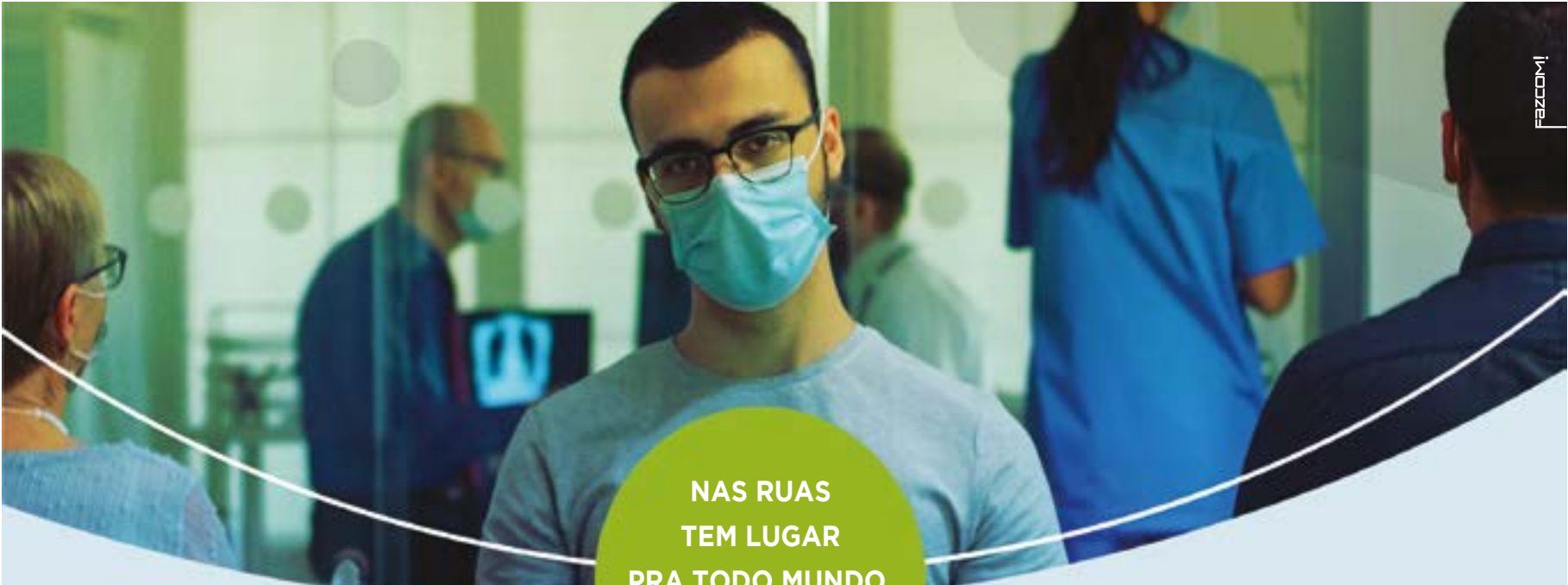
Criador e criatura. Maiara, à esquerda, e Isabella, à direita

tenciais clientes. Tem, ainda, o objetivo de fortalecer a prática profissional de maquiadores interessados neste ramo”.

Do seu ateliê em Belo Horizonte, Isabella busca inspira-

ções para a criação das maquiagens. As etapas para o preparo do trabalho artístico demandam tempo e cada maquiagem tem uma dedicação exclusiva, podendo ter uma duração de 3h a 4h. “Acho que mais difícil do

que fazer a maquiagem artística, é retirá-la. Produtos com muita cola grudam facilmente na pele. Por isso, sempre me preocupo com a hidratação antes e depois da produção”.



**NAS RUAS
TEM LUGAR
PRA TODO MUNDO.
NA UTI,
TALVEZ NÃO.**

A **pandemia do coronavírus continua crescendo e atingindo números alarmantes em todo o Brasil.** Em Conceição do Mato Dentro não é diferente. Nos dois primeiros meses de 2021 registramos 656 novos casos, o que é mais que a metade de todos os casos registrados desde o começo da pandemia. O aumento considerável de infectados está sobrecarregando o nosso sistema de saúde. Reforçamos que é dever de cada cidadão seguir os protocolos recomendados para a prevenção do vírus.

A saúde tem que ser prioridade.
Cuidando da sua, você pode salvar vidas.



Fique em casa.
Se precisar sair,
use a máscara.



Higienize as mãos
com frequência.



Mantenha o
distanciamento
social.



Não compartilhe
objetos pessoais.



**Conceição
DO MATO DENTRO**
PREFEITURA MUNICIPAL • 2021-2024



BOMBOU NA WEB

www.defatoonline.com.br



Foto: Internautas

Itabirana é a primeira brasileira no conselho estudantil internacional

“Quem disse que precisa crescer para mudar o mundo?”. É com esse discurso que a adolescente itabirana Maria Clara Lacerda dos Santos, de 14 anos, acaba de se tornar a primeira brasileira a ocupar uma cadeira no conselho estudantil da organização internacional “Design for Change” (no Brasil, chamada de “Criativos da Escola”). Moradora da São Geraldo e aluna da Escola Municipal Didi Andrade, ela e outros 10 adolescentes de diferentes países poderão se posicionar sobre temas atuais, apoiar projetos inovadores, propor engajamento a respeito de causas importantes e promover a troca de conhecimento das diferentes realidades mundiais.

Mulher é estuprada quando fazia caminhada em Itabira

A Polícia Militar foi acionada na noite de terça-feira (16), após uma mulher alegar ter sido estuprada enquanto fazia caminhada na avenida Duque de Caxias, no bairro Esplanada da Estação, em Itabira. A vítima, de 22 anos, foi examinada e o crime sexual foi constatado. O fato aconteceu por volta das 21h30. O autor seguiu a mulher até próximo a um hotel, em seguida, puxou a vítima para atrás de um caminhão que estava estacionado e cometeu o estupro. Após o crime, o homem fugiu. A polícia militar identificou um suspeito de ter sido o autor do crime — ele será investigado.

Foto: Reprodução/Instagram



Corpo de enfermeira é encontrado em plantação de eucalipto

A Polícia Civil do Vale do Aço localizou na manhã de sábado (20), próximo à cidade de Ipaba, o corpo da enfermeira Priscila Cardoso da Silva, 35 anos de idade, que estava desaparecida desde segunda-feira (15). Os peritos acreditam que ela pode ter sido vítima de violência sexual. O corpo da enfermeira foi encontrado em uma plantação de eucaliptos, depois que o ex-presidiário Reginaldo Ferreira de Souza, conhecido como “Pau Veio”, foi preso em Guaraçari, Espírito Santo. Ele confessou e indicou o local onde estava o corpo.



Foto: Reprodução/Internet

YouTube Metabase

inscreva-se www.youtube.com/metabaseitabira

